

Faz de conta que não é acidente

No último dia 03, os trabalhadores da Reduc vivenciaram um acidente que trouxe à tona a forma irresponsável e leviana com que as gerências da Petrobrás ainda lidam com as questões de segurança e, conseqüentemente, com a vida dos petroleiros. A explosão de uma válvula de oito polegadas em uma linha de vapor de baixa pressão da U-1320, unidade do setor de Energia e Termoelétrica, esfacelou a peça de ferro fundido, cujos estilhaços atingiram um técnico de operação, que sofreu traumatismo bucomaxilar.

Segundo relatos dos operadores da Reduc, várias válvulas de ferro fundido vêm apresentando problemas, inclusive trincas, em função da baixa resistência desse material à pressão e temperatura. Mas, além de desprezar os alertas dos trabalhadores, a gerência da refinaria ainda tentou negar a explosão da válvula, desqualificando o acidente como sem afastamento, sob a alegação absurda de que o operador estaria apto a retornar às suas atividades em 24 horas. A direção da Petrobrás avalizou a farsa e publicou no blog da empresa uma nota endossando a versão mentirosa do gerente da Reduc, onde minimiza a gravidade da ocorrência, tratando o acidente como uma “falha na válvula”.

Essa tem sido a conduta dos gestores na maioria das unidades do Sistema Pe-

trobrás. Enquanto os trabalhadores são expostos a riscos diários, as gerências seguem subnotificando acidentes, distorcendo conceitos e normas de SMS de acordo com suas conveniências. O descaso com a saúde e segurança dos trabalhadores é tão gritante que até hoje a empresa, que deveria ser referência no cumprimento da NR-20, sequer cumpriu o prazo para implantação e adequação à norma, que ven-

ceu desde o dia 06 de março.

Na última reunião da Comissão de SMS, que ocorreu no dia 06 de junho, a FUP tornou a cobrar uma orientação rígida do SMS Corporativo, responsabilizando todos os profissionais que subnotificarem acidentes de trabalho, a começar pelo corpo médico da Petrobrás que tem sido conivente com as gerências.

Com informações do Sindipetro Caxias.

Brasil é o quarto país do mundo em mortes no trabalho

Segundo levantamento do governo federal, 280 trabalhadores se acidentam a cada hora no Brasil. São cinco acidentes por minuto que resultam em uma média de dez trabalhadores mortos por dia. Números alarmantes que fazem do Brasil o quarto país do mundo em acidentes fatais no trabalho. Estudo mais atualizado da OIT aponta que anualmente dois milhões de pessoas no mundo morrem devido a enfermidades relacionadas ao trabalho e que cerca de 321 mil são vítimas fatais de acidentes de trabalho.

Os dados foram apresentados pelo coordenador de Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde, Jorge Mesquita, em audiência na Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados, no último dia 03, quando foi discutida a importância da criação de normas sobre saúde do trabalhador para coibir o alto número de acidentes no Brasil. Mesquita ressaltou que as principais causas da insegurança são a banalização das ocorrências pelos empregadores e a falta de políticas de prevenção de acidentes. “A precarização nas condições de trabalho agrava os riscos. Dados do Dieese apontam que a chance de um empregado terceirizado morrer de acidente de trabalho é 5,5 vezes maior do que nos demais segmentos produtivos”, ressaltou.

Seminário dia 22 discutirá revisão do Indicador Biológico de Exposição ao benzeno

Diante da necessidade de se atualizar o protocolo para a utilização de Indicador Biológico de Exposição (IBE) referente ao benzeno, a Comissão Nacional Permanente do Benzeno (CNPBz) realizará no próximo dia 22 um seminário aberto aos diversos públicos interessados no tema. O evento ocorrerá em São Paulo, no auditório da Fundacentro (Rua Capote Valente, 710, em Pinheiros) e será a primeira de várias atividades que serão realizadas pela CNPBz para subsidiar o trabalho da Subcomissão encarregada de atualizar e alterar o IBE des-

te agente químico, tendo em vista que o atual protocolo data de dezembro de 2001.

O seminário trará apresentações de trabalhos de pesquisadores sobre Indicadores Biológicos de Exposição, projetos em andamento e suas aplicabilidades, propiciando uma importante troca de informações e conhecimentos entre trabalhadores, sindicalistas, pesquisadores, empresários e demais profissionais interessados no tema. Um dos integrantes da Comissão Organizadora do seminário é o petroleiro Deyvid Bacelar, coordenador do Sindipetro-BA, que resalta a importância

dos petroleiros acompanharem esses debates. “Somos uma das categorias mais expostas ao benzeno, principalmente nas áreas operacionais da Petrobrás e demais empresas do setor petróleo, cujos gestores além de não atuarem de forma preventiva, ainda descumprem protocolos e acordos nacionais que visam minimizar a exposição a este agente altamente cancerígeno”, declara.

As inscrições podem ser feitas no site da Fundacentro: www.fundacentro.org.br/cursos-e-eventos

A derrota e a disputa pelo imaginário brasileiro

Saul Leblon, da Agência Carta Maior

A seleção brasileira foi mastigada até a alma pelas mandíbulas alemãs na disputa das semifinais da Copa do Mundo. Depois de tomar quatro gols em seis minutos no primeiro tempo, a equipe montada por Felipe Scolari tirou o uniforme e vestiu o manto de um zumbi coletivo. Morta, arrastou-se pelo gramado do Mineirão, de onde saiu carregando o fardo de uma goleada histórica por 7 x 1. A derrota atinge a estrutura do futebol brasileiro. A exemplo do que ocorreu na economia nos últimos trinta anos, o futebol viveu um processo de primarização.

Clubes que deveriam ser fontes de talentos, com forte investimento em categorias de base, tornaram-se exportadores de brotos verdes. Ao ensaiarem seu diferencial nos gramados, garotos já são monetizados e remetidos a clubes do exterior, que cuidam de completar sua formação. Alguns, caso de David Luiz, só para citar um exemplo, voltam depois consagrados, quase desconhecidos aqui, para compor uma seleção que convive mais tempo no avião do que nos gramados. Nas cadeias da globalização da bola, o Brasil se rendeu ao papel de fornecedor de matéria-prima.

A dependência financeira dos clubes em relação às cotas de transmissões esportivas dos grandes campeonatos regionais e nacionais é outro torniquete da atrofia que explodiu no Mineirão. As redes de tevê ficam com a parte do leão da publicidade milionária das transmissões futebolísticas – fonte de uma das maiores audiências da televisão brasileira. Donas da caixa, redes como a Globo, fazem gato e sapato dos clubes, obrigando jogadores a uma ciranda insana de tabelas e competições que se sobrepõem em ritmo alucinante, para servirem à conveniência das grades e da receita publicitária. É praticamente impossível sobreviver fora da ciranda e, dentro dela, impera o imediatismo: não há tempo, nem recurso, para investir em formação de atletas nas categorias de base.

A pressão brutal por resultados -se

não 'subir' ou, pior, se 'cair', o clube perde a cota da tevê - obriga dirigentes à caça insaciável por jogadores tarimbados, em detrimento da revelação própria nos quadros juvenis. A reiteração entre audiência e cotas premia os clubes maiores criando um círculo de ferro que condena o grosso das demais agremiações à marginalização.

No triênio 2016/19, por exemplo, a Globo prevê pagar R\$ 4,11 bi por direitos de transmissão no Brasil. Desse total, três clubes, Corinthians, Flamengo e São Paulo ficarão com quase R\$ 500 milhões. O restante será rateado pelas agremiações do resto do país. No futebol inglês e no alemão, o critério é mais equânime.

Na Alemanha a verba é dividida em cotas iguais entre todos os clubes. Na Inglaterra, 70% do total é dividido em partes iguais, ficando 30% para 'prêmios' por classificação e audiência. Na Alemanha, ademais, há uma rede capilarizada de escolas de futebol, que compõe um sistema nacional de formação de atletas, revelação de talentos, bem como preparação de técnicos e juizes.

Centros de treinamento de alto nível focados em categorias de base, como o do São Paulo FC, são raros no Brasil, que viu morrer o celeiro do futebol de várzea sem que se pusesse nada no lugar. Adestradas na lógica da mão para a boca, as torcidas se transformam em certificadoras dessa engrenagem sôfrega.

Não raro com o uso da violência, cobram resultados e contratações milionárias dos cartolas, que usam o álibi das uniformizadas para a rendição incondicional ao mercantilismo esportivo. Ao contrário da equidistância que seus candidatos cobravam de Dilma ainda há pouco, quando o time de Felipão avançava na classificação, a derrota nacional na Copa do Mundo certamente será explorada pelo conservadorismo.

A disputa pelo imaginário brasileiro ganhará decibéis redobrados a partir de agora, na tentação rastejante de transformar a humilhação esportiva na metáfora de um Brasil corroído pelo 'desgoverno petista'. O tiro pode sair pela culatra. A tese não é apenas oportunista. Ela é errada.

O que acontece é simplesmente o oposto. A estrutura do futebol brasileiro, na verdade, está aquém dos avanços sociais e políticos assistidos no país nas últimas décadas. Há um descompasso entre a sociedade e o gramado. A caixa preta da Fifa - reafirmada no intercurso entre cambistas e filhos de dirigentes, como se viu em episódio recente no Rio de Janeiro - é apenas a expressão global do sistema autoritário e nada transparente dominante em várias ligas nacionais.

A do Brasil, com a CBF, é um caso superlativo. Dominada por um punhado de coronéis da bola, requer um corajoso processo de oxigenação, equivalente à reforma preconizada por Dilma para o sistema político brasileiro. Trata-se de democratizar os centros de decisão, bem como as legislações relativas à compra e venda de atletas, evitar sua venda precoce ao exterior, ademais de remodelar os circuitos das competições e libertar o caixa dos clubes da tutela asfixiante das tevês, para que possam, de uma vez por todas, converterem-se, de fato, em academias de formação e difusão esportiva.

O conjunto atinge diretamente o núcleo duro dos interesses e valores com os quais o conservadorismo compactua para voltar ao poder. A quem desdenha da necessidade de um planejamento nacional em qualquer esfera - da industrialização, ao direcionamento do crédito, passando pelo controle de capitais e do câmbio - cabe perguntar: se não temos uma política nacional para o futebol, como se pode pleitear uma seleção nacional à altura das nossas expectativas?

Enquanto ficamos na dependência de um Neymar, o grupo da Alemanha joga junto há 10 anos. Pode-se manipular o imaginário da derrota na catarse das próximas horas. Mas será difícil sustentar o oportunismo se ele for confrontado com uma visão clara e desassombada das linhas de passagem que podem devolver ao futebol brasileiro o brilho que ele já teve um dia, e ao seu torcedor, a alegria trincada neste sombrio oito de julho de 2014.

CCJ da Câmara instala subcomissão especial para analisar projetos de cunho trabalhista

A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados instalou no último dia 02 uma subcomissão especial para análise de projetos de interesse da classe trabalhadora. A agenda que será objeto de debate e apreciação pelos parlamentares reúne cerca de 180 matérias a partir de um levantamento feito pelo Dieese

e Diap com apoio das centrais sindicais.

A criação de um espaço qualificado para alavancar a pauta trabalhista no Congresso Nacional é fruto da pressão da CUT e demais centrais sindicais e atende às reivindicações da 8ª Marcha da Classe Trabalhadora, realizada em abril. Entre os projetos que terão destaque na subcomissão estão os que

tratam da redução da jornada de trabalho (PEC 231/95), da correção da tabela do imposto de renda (PL 6094/13), da igualdade de oportunidades (PL 6653/09), da valorização do salário mínimo (PLS 7185/14 e PL 3771/12), do fim do fator previdenciário (PL 3299/08) e do fim gradativo da contribuição previdenciária do funcionalismo (PEC 555/06).

Edição 1145 – Boletim da FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS Filiada à CUT www.fup.org.br

Av. Rio Branco, 133/21º andar, Centro, Rio de Janeiro - (21)3852-5002 imprensa@fup.org.br Edição: Alessandra Murteira - MTb 16763

Texto: Alessandra Murteira - Projeto gráfico e diagramação: Claudio Camillo - MTb 20478 Diretoria responsável por esta edição:

Caetano, Chicão, Daniel, Dary, Divanilton, Enéias, Leopoldino, Chico Zé, Mário, Moraes, Paulo Cesar, Silva, Simão, Ubiraney, Zé Maria.